



REVISTA Agro Sistema

Ano III | Edição 11 | Setembro | 2019 | R\$ 19,90

A EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA

A força da raça Nelore em Mato Grosso

CAMINHOS RURAIS

“Abrir a porteira” para
potencialidades e realidades

A EQUAÇÃO SUSTENTABILIDADE E AGRONEGÓCIO

A contribuição das engenharias

ENTREVISTA EXCLUSIVA

Ministra da Agricultura, Pecuária
e Abastecimento do Brasil

SAFRA AGRÍCOLA

O melhor resultado
da história

AVANÇOS NA HABITAÇÃO. TRABALHO QUE DÁ RESULTADO.

A CADA DIA, CUIABÁ SE TORNA UM LUGAR MELHOR PRA SE VIVER.

O trabalho da Prefeitura de Cuiabá na Habitação avança em várias frentes, mas com um só objetivo: mudar pra melhor a vida das pessoas. É casa reformada, entrega de novas unidades habitacionais e número recorde de títulos definitivos de propriedade. E vem muito mais trabalho por aí.



RESIDENCIAL NICO BARACAT I:
CASA NOVA PARA 360 FAMÍLIAS



PROGRAMA BEM MORAR:
REFORMA DA CASA PARA 300 FAMÍLIAS



TÍTULO DEFINITIVO DE PROPRIEDADE
PARA MAIS DE 10 MIL FAMÍLIAS



CUIABÁ
PREFEITURA

TRABALHANDO E
CUIDANDO DA GENTE

**SAIBA +
CLIQUE AQUI!**

www.gazetamt.net



GAZETAMT
CONEXÃO COM A NOTÍCIA

Av. Miguel Sutil, 321, Sl 04, Dom Aquino - 78.015-100/ Cuiabá/MT

.gazetamt@gmail.com - (65) 9.9937-6823 / 3641-4414

Cuiabá: uma cidade em mutação

Por: **Beatriz Girardi**

Uma trajetória de três séculos. Matriz cultural do Centro-Oeste. Um exuberante conjunto de cenários de belezas naturais. Portal do Pantanal mato-grossense. Capital do estado do agronegócio. O município é cercado por três grandes ecossistemas: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal. Até poucos anos atrás era uma capital pequena, onde todos se conheciam. Mas, em poucos anos, a cidade passou a crescer aceleradamente. Hoje tem recebido a atenção, o reconhecimento e os investimentos que merece. Está se transformando em uma das mais importantes cidades e centro econômico da região Centro-Oeste. Uma cidade dinâmica e com tudo que existe de atual no setor de consumo. O crescimento econômico de Mato Grosso tem como porta de entrada Cuiabá. Isto tem atraído inúmeros negócios e, atualmente, a cidade oferece à população e aos visitantes tudo o que um grande centro tem para oferecer. Grandes grupos econômicos estão se

instalando aqui ou ampliando seus investimentos. O cuiabano é um povo muito hospitaleiro, alegre e festeiro. No entanto, ao mesmo tempo em que cresce Cuiabá ainda guarda traços de cidade pequena. Tudo é muito perto. Não existem grandes distâncias, além de estar muito próxima de belos centros turísticos como o Pantanal, a Chapada dos Guimarães e o lago de Manso. Identidade cultural é uma coisa mutável. Ela depende de como os indivíduos se relacionam e o sentido que dão à cultura, língua ou a forma de falar, origem étnica. Até a década de 70, a presença de pessoas não nascidas em Cuiabá era muito pequena. Na sequência, vieram os imigrantes nordestinos, paulistas, mineiros, e, principalmente, gaúchos e paranaenses. Eram, no geral, camponeses ou pessoas marginalizadas pela histórica política de exclusão social no campo brasileiro. Independente da carteira de identidade, todos são cuiabanos e vivem a mesma Cuiabá histórica do passado e do presente.



EDITORIA AGROVIP

CNPJ: 17.507.433/0001-30

Av: Miguel Sutil, nº 321, sala 02

Bairro: Dom Aquino.

CEP: 78015-100 Cuiabá/MT

Telefone: (65) 3641-4414

E-mail:

agrovip.matogrosso@gmail.com

Diretora Executiva:

Ilka Santos

Diretor Comercial:

Antônio Vicente Santos

E-mail:

agrovip.matogrosso@gmail.com

Editora:

Shirley Ocampos – DRT/MT 477

E-mail:

redacao.agrovip@gmail.com

Redação:

Beatriz Girardi – DRT/MT 1186

Correspondente Internacional:

Jornalista Adriana Nascimento

MTB/MT 1345

Arte e Diagramação:

Fernando Inácio

fidgs2@gmail.com

Redação:

redacao.agro@gmail.com

Revisão:

Beatriz Girardi

Secretária Executiva:

Iara de Souza Miranda

Colaboradores:

Jornalista Onofre Ribeiro

Fotos:

AgroSistema/ Assessoria
de imprensa Crea/Smades/ Indea/
ICV - Instituto Centro de Vidas/
Associação de Nelore de Mato
Grosso/ Geraldo Donizeti /Sedtur/

Foto da capa:

<https://www.fazu.br/02/a-instituicao/>

Revista AgroSistema não se responsabiliza por opiniões expressas nos artigos e matérias assinadas, nem pelo conteúdo dos anúncios e informes publicitários. Proibido a reprodução, total ou parcial, sem autorização da direção.



06 **Entrevista** Ministra da Agricultura



08 **Projeto recupera e protege** águas em Alta Floresta



26 **Entrevista** Presidente do CREA/MT



18 **A força da raça Nelore em Mato Grosso**



14 **TURISMO** Caminhos Rurais

Defesa agropecuária	12
Alimentos saudáveis à mesa	16
Artigo	17
Recorde na produção de grãos	20
O alimento do futuro	22
Comércio exterior	24
Artigo	28
Educação	30

Ministra comenta os desafios e aponta expectativas

Por: Beatriz Girardi



FOTOS: ARQUIVO

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias nasceu em Campo Grande (MS). É casada com o economista Caio Dias e mãe de dois filhos, Luis Felipe e Ana Luiza e avó do Eduardo. A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil disse ao assumir o cargo que o Brasil é ‘modelo’ em preservação ambiental. No discurso, a ministra defendeu uma “política focada nos interesses comerciais do Brasil” e que o país não pode “jamais” ser classificado como “transgressor” ou ser “recriminado” em relação à preservação ambiental.

Deputada federal (DEM-MS) licenciada do mandato, Tereza Cristina é da bancada ruralista da Câmara. Foi secretária de Desenvolvimento Agrário da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo de Mato Grosso do Sul durante o governo de André Puccinelli e uma das principais responsáveis pela aprovação do projeto de lei nº 6.299/2002, que regulamenta o processo de registro de agrotóxicos no Brasil. Nesta entrevista exclusiva à revista AgroSistema

Tereza Cristina fala sobre as funções inerentes ao cargo, bem como assuntos referentes a pasta.

A agropecuária é um setor tradicionalmente controlado por homens. Como é para a senhora conduzir a pasta da Agricultura?

É verdade, mas hoje já há muitas mulheres à frente da atividade, especialmente em pequenas propriedades. No meu caso, é muito tranquilo. Sempre fui dessa área, minha formação profissional foi voltada para a agropecuária. E, até aqui, trilhei caminhos praticamente sem obstáculos, sempre colocando o profissionalismo como meu norte. Espero que minha experiência seja encorajadora para outras mulheres do setor que encontram satisfação em trabalhar com a produção rural.

A carne brasileira tem sofrido boicotes internacionais em alguns mercados nos últimos anos, com prejuízo para os pecuaristas brasileiros. Como o ministério tem tratado essa questão?

No ministério defendemos sempre a se-

gurança dos nossos produtos, dos alimentos que colocamos à mesa dos brasileiros e no exterior. O assunto está em nossos encontros com autoridades estrangeiras que recebemos e nas missões oficiais que realizamos. Esses contatos trazem resultados nem sempre imediatos, mas são sementes que plantamos e que cuidamos no dia a dia. A vinda de missão técnica dos Estados Unidos que aconteceu agora em junho para restabelecer a venda de carne **in natura** para esse mercado, foi uma conquista, por exemplo, da viagem que fiz ao país acompanhando o presidente Jair Bolsonaro. A missão técnica foi realizada na data prometida pelo secretário de Agricultura, Sonny Perdue, quando estive lá.

A senhora esteve recentemente em viagem oficial à Ásia, onde participou da cúpula de ministros da Agricultura do G-20. Quais os resultados dessa missão?

Dessa reunião, saiu documento conjunto em que nos comprometemos a trabalhar em parceria para apoiar normatizações transparentes com base científica e visando eventuais riscos. Tratamos da importância da

inovação, focando, inclusive, nos pequenos produtores, jovens e mulheres da área rural.

Discutimos a crescente demanda mundial por alimentos, que devem ser produzidos de forma sustentável e segura. E nosso objetivo é trabalhar de forma conjunta, protegendo, o solo, a água, a biodiversidade.

Qual a expectativa para o Plano Safra 2019?

O Plano Safra, anunciado recentemente e que começou a ser operado em julho, trouxe uma grande novidade que foi reunir, depois de 20 anos, os pequenos, médios e grandes produtores. Foi um grande esforço de negociação com a equipe econômica do governo assegurar em tempos de forte aperto fiscal R\$ 225,9 bilhões para custeio e investimento. Mais que duplicamos o valor da subvenção do seguro agrícola, que passou de R\$ 440 milhões para R\$ 1 bilhão. E, pela primeira vez na história, destinamos, dentro do plano, R\$ 500 milhões para construção e reforma de moradias rurais. Essa quantia permite produzir até 10 mil casas, se considerarmos um valor médio de R\$ 50 mil por unidade.

E como está o Plano Nacional de Erradicação da Febre Aftosa, visando o status de país livre da doença sem vacinação?

O Plano Estratégico, o PNEFA, como chamamos, segue até 2026 com o cronograma previsto. Um dos objetivos é a retirada gradual da vacina em todo o território nacional. E, para isso, devem ser cumpridas diversas ações emergenciais e graduais como melhor estruturação dos serviços de veterinária e de vigilância, bem como maior interação entre todas as partes interessadas até o reconhecimento do país como livre da febre aftosa sem vacinação. São mais de cem ações previstas. Durante esse período de execução é avaliada a possibilidade de antecipar ou adiar o processo de transição nas diferentes áreas previstas, que estão divididas em blocos. O Paraná, por exemplo, solicitou antecipar a retirada da vacina para maio deste ano. E foi autorizado porque as ações estaduais foram cumpridas.

As invasões a propriedades rurais praticamente acabaram desde janeiro deste ano. Reflexo do governo Bolsonaro?

Bem, nosso objetivo em relação à reforma agrária sempre foi claro, o do respeito à lei e o de transformação de assentamentos precários em produtivos. Iniciativas que não coincidem com essa orientação não prospe-

“

Nosso objetivo é proteger o solo, a água, a biodiversidade

”

ram, naturalmente. Queremos trabalhar com segurança no campo em todos os sentidos, especialmente jurídica, e o direito à propriedade é uma das garantias a ser assegurada.

Como a senhora vê a proposta de permitir atividades agropecuárias pelos índios em suas áreas de reserva?

Os índios são brasileiros que devem ter direitos iguais a todos os demais. E o que querem produzir ou não são eles que devem decidir. Se há leis a ser mudadas, o Congresso está aí para decidir. É verdade que a produção lhes permite acesso a bens e serviços e ouvi deles testemunho sobre a res-

peitabilidade que adquirem pelo fato de se tornarem autossustentáveis. Então, há essa aspiração em determinadas comunidades e precisamos dar a atenção que merecem.

De que forma o Brasil deve conduzir sua política ambiental sem travar a produção agropecuária?

A política ambiental e a agropecuária podem andar juntas, perfeitamente. E andam. Os produtores rurais sabem muito bem do retorno que o cuidado com a natureza traz para a sua produção. A importância que há em preservar margens de rio e de riachos, a vegetação, para o ciclo de chuvas. Hoje, no ministério estamos preocupados em assegurar mais do que nascentes, as bacias, e também com o reuso da água. Em relação a áreas verdes, há ainda como ser recompensado por meio de créditos de carbono. Existe um mercado para isso. E nosso governo acertou ao manter-se no Acordo de Paris. Boa parte de nossos compromissos já foram cumpridos e essa é uma bandeira importante para vender nossos produtos a compradores internacionais mais exigentes.





ADOTE UMA NASCENTE

Projeto recupera e protege áreas em Alta Floresta

Por: Beatriz Girardi



FOTOS: ASCOM PMAF



tacando o trabalho que é desenvolvido junto com as crianças.

Já a Área de Preservação Permanente (APP) do Recanto da Amazônia, uma pequena área de 0,25 hectares, tem como padrinho o Instituto Centro de Vida (ICV) que se tornou parte do projeto Adote Uma Nascente, da prefeitura de Alta Floresta. “Adotar essa nascente é um símbolo do nosso compromisso permanente com ações que busquem mais qualidade de vida e sustentabilidade na região”, disse Vinícius Silgueiro, coordenador de geotecnologias do Instituto.

A terceira área é a Nascente do Tambaqui. Com 1,71 hectares, tem como padrinho e adotante a Loja Maçônica Adonai. “A ideia é colaborar com a prefeitura e trazer para a população um meio ambiente mais saudável”, disse Osmar Pereira - representante da loja Adonai e responsável pelo programa. Para adotar ou apadrinhar

uma nascente, o voluntário passa por um processo de avaliação e se for aprovado receberá um certificado de adotante ou de padrinho da nascente com validade de três anos podendo ser renovado.

GESTÃO AMBIENTAL

O projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal transformou em lei o programa que existe, por força de decreto, desde novembro de 2009, quando foram iniciados os trabalhos de recuperação de nascentes após constatação pela Agenda 21 de 43 nascentes degradadas somente na zona urbana. Quem tiver uma nascente em sua propriedade, pode disponibilizar a área para ser adotada por outra pessoa ou entidade. Qualquer pessoa, física ou jurídica, poderá adotar uma nascente e garantir a proteção, manutenção ou recuperação da vegetação em seu entorno. **Com Assessora / PMAF**

No município de Alta Floresta (MT) três nascentes estão sob os cuidados constantes de pessoas e instituições. A nascente do Córrego Severo, área de 3,32 hectares, tem como padrinho e adotante o Colégio Alta Floresta. “É importante porque a gente está contribuindo de uma forma bem participativa na preservação da água da cidade”, salienta Eliane Ferraz de Almeida Leining, diretora do colégio, des-





Tchêlo Figueiredo - SECOM/MT

Usinas Etanol

O Grupo Inpase deve investir R\$ 5 bilhões em usinas de Etanol de milho em Mato Grosso. De acordo com o diretor executivo da empresa, Rafael Augusto Ranzolin, a primeira usina de etanol do grupo no Brasil entrará em funcionamento na cidade de Sinop, em investimento superior a R\$ 1 bilhão. Além dessa planta, uma nova unidade será construída em Nova Mutum. Segundo Ranzolin, as operações na planta de Sinop conta

com tecnologia de 22 países e vai produzir 1 milhão e meio de litros de álcool ao dia, durante os 365 dias do ano. Serão gerados 280 empregos diretos e cerca de 1.500 empregos indiretos. “É um investimento que tem o poder de atingir o mundo. O etanol de milho é sustentável, essa pegada ecológica vai fazer com que se consolide plenamente o etanol de milho em Mato Grosso. Não estamos fazendo etanol somente para vender ao Estado,

mas para o mundo”, destacou, deixando claro que o grupo acredita na potencialidade do Estado. Para o governador Mauro Mendes, o investimento do grupo comprova que o Estado se mantém competitivo tanto para o consumo interno do produto como na produção para exportação. “Estamos trabalhando para tornar esse Estado mais competitivo, com oportunidades, segurança jurídica e com justiça fiscal”, ponderou.

Nova regra do leite

Com as novas normativas estabelecidas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) a pretensão é aumentar a qualidade do leite em todo o país. As regras passaram a vigorar a partir do dia 1 de junho de 2019. A principal mudança é para a indústria, que terá de receber o leite nos seus silos de estoque a, no máximo, 7°C. Atualmente esse limite é de 10°C e para o produtor é de 4°C. As indústrias serão as mais afetadas com as novas regras, pois provavelmente irá modificar sua logística no transporte do leite. As metas estão mais focadas nas indústrias de laticínio. Elas precisarão ter um Plano de

Alto Controle que estabelece a qualificação de fornecedores. A indústria terá que ter produtores qualificados, isso inclui boas práticas de produção e questão sanitária. Caso o produtor de leite estiver três meses consecutivos com a média geométrica fora do padrão ele deixará de ser coletado até que apresente uma nova análise que seja aceitável segundo os padrões estabelecidos. Com o aumento dos gastos e mais investimento em mão de obra e qualificação para cumprimento das regras, provavelmente haverá um impacto no preço final do produto nas prateleiras do supermercado.

Hambúrguer vegetal

A produção do hambúrguer vegetal no Brasil será iniciada na unidade da Marfrig em Várzea Grande, no Mato Grosso. A Marfrig Global Foods, uma das companhias líderes globais em carne bovina e a maior produtora de hambúrguer do mundo, anunciou um acordo com a americana Archer Daniels Midland Company (ADM), uma das maiores processadoras agrícolas e fornecedoras de ingredientes alimentícios do mundo, para produção e comercialização de produtos à base de proteína vegetal no Brasil. “Juntas, Marfrig e ADM irão produzir um hambúrguer 100%

vegetal com sabor e textura similares ao da carne. Queremos dar ao consumidor o poder da escolha. É ele quem decide”, diz Eduardo Miron, CEO da Marfrig. Os primeiros hambúrgueres vegetais produzidos pela parceria chegarão ao mercado no Brasil ainda este ano e, posteriormente, serão destinados também à exportação. Na primeira fase do lançamento, os produtos serão fornecidos ao canal food service. Em seguida, o hambúrguer vegetal começará a ser distribuído para o canal varejo. A Marfrig lançará uma marca específica para produtos de origem vegetal.



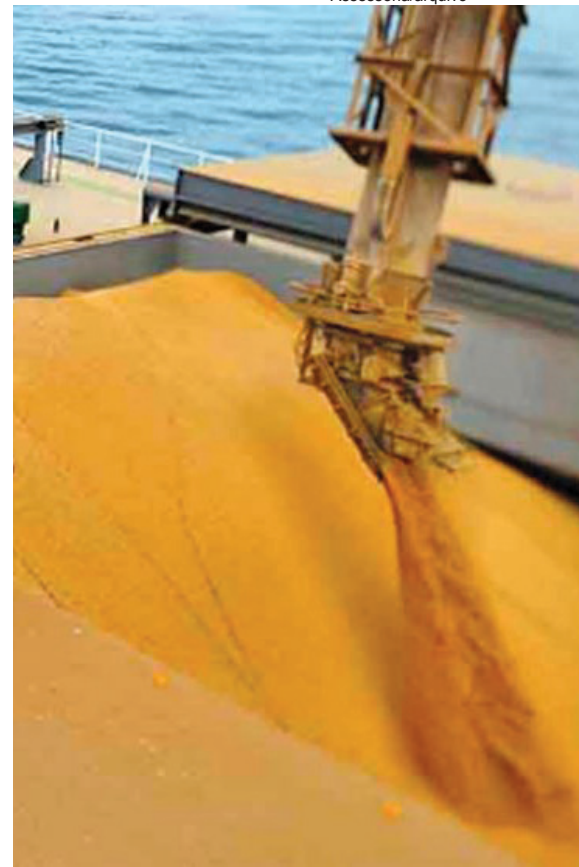
Divulgação

Carne bovina in natura

No balanço do primeiro semestre, o volume embarcado ficou próximo do recorde atingido em 2007. Esse cenário, somado ao dólar em elevado patamar ao longo deste ano, garantiu receita recorde de quase R\$ 10 bilhões no primeiro semestre. De janeiro a junho, os embarques de carne bovina totalizaram 678,69 mil toneladas, 27% acima do volume exportado no primeiro semestre do ano passado e apenas 2,85% abaixo do recorde

observado de janeiro a junho de 2007 (de quase 700 mil toneladas), de acordo com dados da Secex. A receita totalizou US\$ 2,57 bilhões no primeiro semestre, 15% a mais que a registrada de janeiro a junho de 2018 e abaixo apenas da obtida em 2014, de US\$ 2,728 bilhões. Em Reais, a receita do primeiro semestre atingiu R\$ 9,89 bilhões, um recorde e 30% a mais que a do mesmo período do ano passado, conforme dados da Secex.

Assessoria/arquivo



MT lidera exportação

A principal responsável pela posição do estado é a soja e os derivados do grão, que representam 70% do total exportado. Logo em seguida aparecem cereais, farinha e preparações (12,4%), fibras e produtos têxteis (8,03%), carnes (7,35%), produtos florestais (0,87%), outros produtos (0,81). Com a cifra de US\$ 6,8 bilhões, Mato Grosso lidera o ranking de exportações no Brasil até maio de 2019, segundo dados do Agrostat, que divulga estatísticas de comércio exterior e é ligado ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). Ao todo, o estado representa 17,22% de tudo que foi exportado pelo Brasil. O percentual é quase o mesmo que o alcançado no mesmo período do ano passado. No exterior, a China foi o principal comprador do Brasil no período analisado e gastou US\$ 13 bilhões com exportação. A soja é o produto mais comprado pelos chineses.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Tadeu Mocelin é presidente do Indea-MT

A SANIDADE AGROPECUÁRIA É UM PATRIMÔNIO

O trabalho reflete na qualidade dos alimentos e na competitividade do Brasil no mercado internacional

Por: Beatriz Girardi

Atualmente o Brasil é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) como território livre de febre aftosa

com vacinação, com exceção de Santa Catarina que já tem o status de livre de febre aftosa sem vacinação. Segundo o presidente do Instituto de Defesa Agropecuária

(Indea-MT), Tadeu Mocelin, já se passaram mais de 23 anos estudos sorológicos e epidemiológicos realizados ao longo dos anos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária

e Abastecimento (Mapa) demonstram que não há circulação viral para o vírus da febre aftosa. “A vacinação contra febre aftosa alcançou seu propósito maior reduzindo a zero a prevalência da doença, bem como dando oportunidade para que avançássemos nas estratégias do Programa de acordo com a Guia de Trabalho para a “Última etapa do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa – PANAFTO-SA”, frisou Mocelin. O Mapa prevê que em 2023 todo país alcançará a condição de livre de febre aftosa sem vacinação, reconhecida pela OIE.

Com a retirada da vacinação contra a febre aftosa e a certificação internacional pela OIE a carne produzida no Mato Grosso terá condições de acessar mercados exigentes que melhor remuneram o produto e com isso, toda a cadeia produ-

tiva será beneficiada. “O Indea – MT preza pela realização de educação sanitária sistematizada com os produtores rurais, informando-os sobre todas as ações de defesa sanitária que são de responsabilidade dos produtores rurais. Já nos casos onde se verifica o descumprimento da legislação, há previsão da aplicação das sanções pecuniárias e/ou administrativas previstas na lei de defesa sanitária animal”, ponderou o presidente do órgão. Os valores das multas aplicadas variam conforme o respectivo enquadramento.

Avanços e conquistas

“Para a Defesa Sanitária Animal, o maior desafio que temos pela frente é cumprir o cronograma e as metas estabelecidas pelo Plano Estratégico 2017-2026, onde constam 16 operações e 102 ações que pre-

cisam ser cumpridas para a evolução do status sanitário para livre de febre aftosa sem vacinação”, disse Tadeu Mocelin. Mesmo diante dos desafios enfrentados devido à recessão econômica, o presidente do Indea/MT observou que as conquistas foram relevantes, bem como os avanços obtidos em praticamente todos os aspectos técnicos. “Graças ao trabalho dos valorosos servidores desse Instituto que, a cada ano, 365 dias por ano, fortalecem a Defesa Sanitária Animal de Mato Grosso para o mundo”, salientou. Conforme Mocelin, é fundamental a parceria com produtores rurais, profissionais, entidades de classe e indústrias de produtos de origem animal. “São os principais executores das medidas sanitárias e os maiores interessados num serviço público de qualidade para certificação da maior produção do Brasil”, concluiu.

Em Mato Grosso, a suspensão da vacinação contra a febre aftosa está prevista para 2021





CAMINHOS RURAIS

“Abrir a porteira” para potencialidades e realidades

Por: **Beatriz Girardi**

Viagens são caminhos para descoberta de lugares, histórias, emoções e sensações, encontros com pessoas e consigo mesmo. Conforme Geraldo Donizeti Lúcio, agente técnico da Secretaria de Desenvolvimento de Turismo de Mato Grosso (Sedtur), o turismo rural é uma atividade que vem ganhando significativo status como segmento de turismo. “Quando o agricultor resolve abrir as porteiras da sua propriedade para receber pessoas está abrindo possibilidades de uma alternativa adicional de renda que lhe trará muitos benefícios”, observou Donizeti.

Em Mato Grosso, o Turismo Rural surgiu nos anos 80. Iniciou no âmbito das oportunidades de diversificação das atividades agrícolas e, no caso do Pantanal, para viabilizar as fazendas que estavam

em decadência na atividade bovina tradicional. “O Turismo Rural, considerando como uma atividade nova, vem sendo fortalecido por ações de governo em todas as esferas e pelas entidades afins”, disse o autor do livro “Turismo no Meio Rural de Mato Grosso”. Ele informa ainda que no contexto das políticas públicas atualmente o turismo rural conta com diretrizes nacionais. Já em Mato Grosso tem leis estaduais para garantir as atividades perante as agências formadoras e financiadoras

O consultor de turismo rural frisou que a demanda no estado ainda é pequena, mas que nos últimos cinco anos a procura por investidores no segmento cresceu. “A formação de um produto de turismo rural em uma propriedade parte do pressuposto de que o agricultor já tenha a sua atividade agropecuária instalada. Isto significa que

“
O maior desafio está na quebra de paradigmas
”

as adaptações serão para o atendimento do visitante proporcionando a ele os confortos em alimentações, hospedagens, trilhas e atividades rurais de vivência”, destacou.

Comunidades mato-grossenses encontraram no turismo rural uma forma de se manter no campo e de ampliar a renda. “As comunidades tradicionais, quilombolas e assentamentos tem encontrado no turismo rural uma oportunidade de emprego e renda, além do fenômeno da diminuição e até da contramão do êxodo rural”, avaliou o agente técnico da Sedtur.

Associativismo e protagonismo

Se a sua ideia para as próximas férias é fugir da correria dos centros urbanos e aproveitar a simplicidade e aconchego do interior, com potenciais diversos e atrativos com tematizações diversas, em Mato Grosso na região de Cáceres tem um roteiro de turismo rural que envolve cinco municípios. Já



FOTOS: SEDTUR

Complexo Turístico Assentamento Carimã – Rondonópolis /MT



**Turismo Rural:
uma forma de se manter
no campo e de ampliar
a renda**

no município de Rondonópolis, no assentamento Carimã, há o complexo de cachoeiras. Outra opção são os municípios de Nova Mutum e de Campo Verde, ambos têm um circuito de turismo rural tecnológico. Agências locais promovem esses passeios.



Alimento saudável à mesa

A transformação no hábito alimentar



DIVULGAÇÃO

Em 7 anos, Brasil triplica o número de agricultores orgânicos registrados

O cálculo é do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que contabilizou crescimento de 300% no número de unidades de produção entre 2010 e 2018. Atualmente, 22 mil estão regularizadas. O interesse por alimentos saudáveis e sem contaminantes tem impulsionado o crescimento do consumo de produtos orgânicos no Brasil e no mundo. Em menos de uma década, o número de produtores orgânicos registrados no Brasil triplicou, segundo levantamento do Ministério da Agricultura. Em 2012, havia no país quase 5,9 mil produtores registrados e em março de 2019, o órgão já registrou mais de 17,7 mil, crescimento de 200%. No período também cresceu o número de unidades de produção orgânica no Brasil, saindo de 5,4 mil unidades registradas, em 2010, para mais de 22 mil no ano passado,

variação de mais de 300%.

Apesar do crescimento exponencial dos registros no cadastro, o universo de produtores orgânicos no Brasil pode ser muito maior. Antes do decreto que regulamenta o setor entrar em vigor, em 2007, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou 90 mil produtores que se autodeclararam como orgânicos. Entre as ações do poder público que tem impulsionado a produção de orgânicos no Brasil está Política Nacional de Alimentação Escolar, que privilegia o alimento produzido pela agricultura familiar do município. A Política prevê que o agente público priorize a contratação de produtos orgânicos para a merenda escolar.

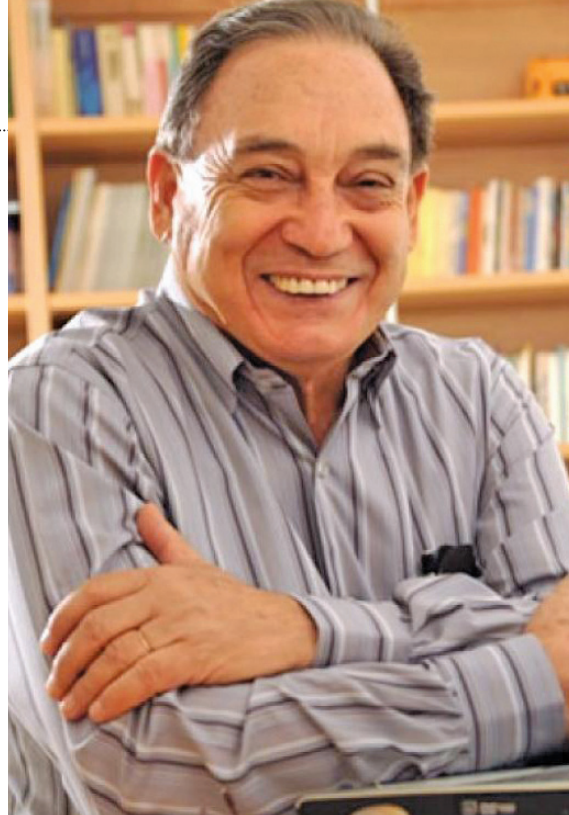
Selo orgânico

Na pesquisa do Data Popular os consumidores também destacaram que querem

mais informações sobre a procedência dos produtos e garantias de que sejam realmente orgânicos. E defendem que deveria ter mais ações de promoção aos orgânicos. A comercialização dos produtos orgânicos em supermercados, lojas, restaurantes, hotéis, indústrias e outros locais depende de certificação junto aos Organismos da Avaliação da Conformidade Orgânica (OAC) credenciados no Mapa. Os agricultores familiares que fazem parte de organizações de controle social cadastradas no Ministério ou que vendem exclusivamente de forma direta aos consumidores são dispensados da certificação. Neste caso, os produtores não podem vender para terceiros, somente em feiras ou para serviços do governo (merenda e Conab), e devem portar uma declaração de cadastro junto ao Mapa para comprovar que faz parte de um grupo que se responsabiliza pela produção. (Fonte: MAPA)

Nós e o admirável mundo novo

Onofre Ribeiro é jornalista em Mato Grosso



DIVULGAÇÃO

Não dá mais pra tentar analisar o Brasil sem olhar para as transformações que estão acontecendo no mundo e refletem aqui. Lá fora o avanço das tecnologias alcançou países do chamado Primeiro Mundo antes daqui. Mas dada a posição do Brasil para receber investimentos, é só uma questão de pouco tempo pra chegarem aqui.

Olhares superficiais sobre o mundo indicam mudanças muito profundas. Algumas delas: as ideologias de direita e esquerda estão saindo do painel mundial. Merecem espaço nos conflitos da velha economia iniciada lá na Revolução Industrial de 1850 em diante. Hoje os avanços sociais, políticos e tecnológicos não dão mais espaço para confinamentos políticos, econômicos e sociais dessa natureza.

De outro lado, nunca houve tanto capital para investimentos como agora. Procuram principalmente setores duradouros como infraestrutura de rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, hidrovias, pesquisa e extração mineral e pesquisa e aproveitamento ambiental sustentável. Sem falar em educação, saúde e pesquisas científicas amplas.

Mas falta ao Brasil a segurança jurídica para os negócios. O Estado brasileiro é caro, gastador, pesado e ineficiente. Dificulta os negócios, cobra muitos impostos e impõe uma burocracia intransitável.

Mas de todos os segmentos um é extraordinário. O de alimentos. Dados da FAO – Food and Agriculture Organization, das Organização das Nações Unidas, apon-

tam que em 2050 a metade da população mundial de 9,7 milhões de habitantes viverá em países da Ásia: China, Índia, Malásia, Filipinas, Indonésia e Tailândia. São países necessariamente importadores de alimentos. O seu mercado de compras será o Brasil na medida em que o país se abrir para os mercados mundiais.

Nesse cenário, Mato Grosso desponta como um caso à parte. Em 2028, dados do Instituto Mato-grossense de Agropecuária – IMEA, indicam que a atual produção de 62 milhões de toneladas de grãos e fibras, saltará para 108 milhões em 2028. Bom lembrar que em 1990 o Brasil inteiro produziu 56 milhões de toneladas.

Outro ponto a considerar é que a agropecuária absorve tecnologias em níveis assombrosos. Em Mato Grosso, considerando-se as dificuldades de logística e a baixa população de 3 milhões de habitantes, os custos precisam baixar cada vez mais. Isso se faz com o uso crescente de tecnologias.

É de se supor que estes cenários pedirão investimentos mundiais crescentes em tecnologias, em ciências da produção, de industrialização, de logística, de comercialização e de exportação.

Cenários promissores como esses talvez não se repitam mais nas próximas gerações.

onofreribeiro@onofreribeiro.com.br
www.onofreribeiro.com.br

A EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA

A força da raça Nelore em Mato Grosso

Por: Beatriz Girardi

A cada dia o Brasil e o mercado externo contam com um consumidor mais exigente. Quando o assunto é carne bovina a exigência é ainda maior entre aqueles com o paladar apurado. Em Mato Grosso, os produtores rurais estão apostando na genética. À frente da Associação dos Criadores de Nelore de Mato Grosso (ACNMT), desde dezembro de 2018, Breno Molina informou que o estado conta hoje com 100 mil produtores, dos quais cerca de 80% com até 290 cabeças. “Ou seja, são pequenos produtores. É um estado muito grande com um grande rebanho, porém pulverizado por pequenos e grandes criadores. Não há um monopólio. Mato Grosso não é um estado onde o rebanho se concentra nas mãos dos grandes produtores. Muitos vivem da pecuária com pequenos rebanhos”, ponderou o pecuarista.

No entanto, segundo Molina, ter o maior rebanho não vem refletindo em melhor rentabilidade ao pecuarista, que enfrenta dificuldade no acesso a linhas de crédito, preço da arroba estagnado, reajuste nos preços de insumos como mão de obra, sal mineral, ração, arame e diesel e alta carga tributária. “Em Mato Grosso, são pagos pelo pecuarista R\$ 41,47 por cabeça abatida. Enquanto isso, no vizinho Mato Grosso do Sul, esse total chega a R\$ 18,20, ou seja, aproximadamente 150% a menos; em Goiás, são R\$ 7,30; no Paraná, cerca de R\$ 4,30; e no Pará, apenas R\$ 3,40”, destacou o presidente da Nelore/MT. Molina também fez críticas à aplicação dos recursos do novo Fundo Estadual de Transporte e Habitação (Fethab),

“**Mato Grosso e o seu legado da raça Nelore, capaz de abastecer o mundo de carne**”

que não foi aportado para a infraestrutura como deveria. “Temos inúmeras adversidades. O impacto existente no custo de produção devido à logística do transporte é um fator que prejudica o setor, consequência da má conservação das estradas”. Para o presidente da Associação dos Criadores Nelore em Mato Grosso, Breno Molina, a pecuária ainda não se recuperou da crise e vai amargar mais retração.

Outro ponto fundamental é a base genética de melhoramento da raça, que é o alicerce da evolução do rebanho. Breno Molina reforça que é prioridade incentivar a implementação, investimentos de novas tecnologias de genética, nutrição e manejo do gado. “O criador que não investir nisso, que ainda faz a pecuária extensiva, sem tecnificação está com os dias contados e tende a sair do mercado, frisou. Conforme o pecuarista, que também é presidente

da ACNMT, a ideia é mostrar aos demais produtores, incrédulos, que é possível mudar antigas concepções e com isso obter resultados melhores e em harmonia com o meio ambiente. “Estamos comprometidos com o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento da pecuária de corte”, frisou. Segundo Molina, há um estudo da Embrapa que comprova que a pastagem bem cuidada ela compensa mais carbono do que o gado emite. Ele avalia que o setor necessita de investimentos fundamentais no estado. “Nossas estradas estão cada dia piores. Sem o progresso na logística como avançar”, indaga. O maior plantel de gado do país está concentrado em Mato Grosso. São 30,3 milhões de cabeças bovinas. No Brasil, ultrapassa 226 milhões de cabeças.





ACNIMT

“**Se Mato Grosso fosse considerado um país, em um ranking comparativo, ficaria em 6º lugar no mundo, atrás da Argentina - que possui 53 milhões de rebanho, e à frente da Austrália - 28 milhões animais.**”

Breno Molina é presidente da Associação dos Criadores de Nelore de Mato Grosso

No país, mais de 80% do rebanho é nelore ou anelorado (cruza com outra raça). Já aqui no estado fica em torno de 90%, pois a Nelore é uma raça mais adaptada ao bioma mato-grossense. No sul do país a predominância é de raças europeias.

O mercado da carne

Conforme o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), a arroba bovina em Mato Grosso estagnou em R\$ 135 reais nos últimos quatro anos. Hoje o Brasil é o primeiro exportador e o segundo produtor de carne do planeta. “Apesar de todas as adversidades, conseguimos ter índices de produtividade do boi acima da média nacional que é de 0,7 em unidades animal por hectare. Em

Mato Grosso temos uma unidade animal por hectare, o que não representa aumento de área de pastagem. É transformar em aproveitamento as áreas já existentes com a introdução de novas tecnologias para aumentar a produtividade. Mesmo com deficiências, temos competitividade”, ponderou Molina. Longe de buscar competir com as outras raças, a proposta Nelore é melhorar continuamente a qualidade da sua carne, que possui um tradicional ‘sabor do campo’, e com isso oferecer mais uma boa opção premium ao consumidor nas gôndolas dos supermercados do Brasil e do mundo. “É importante valorizar os investimentos em melhoramento genético para disponibilizar ao mercado os melhores animais,” avalia.

BOI VERDE

Se por um lado o respeito ao meio ambiente é uma obrigação, por outro, há uma cobrança do mercado externo e interno por uma carne sustentável. “Ao contrário de outros países, nosso boi – em sua maioria – é criado a pasto, recebendo no máximo 120 dias de suplementação no cocho pouco antes do abate no frigorífico. Isso significa que entregamos para o mercado internacional uma ‘carne verde’ e com sabor característico do campo”, destacou o presidente da Associação dos Criadores de Nelore de Mato Grosso. Conforme ele, há um Código Florestal rigoroso, que pune civil e criminalmente qualquer dano à propriedade. Molina revela que de quase toda a carne consumida no Brasil 50% da carga genética (cruzamento industrial) é nelore. O cruzamento industrial usa matriz nelore e o sêmen do touro da outra raça. “Apesar da raça Nelore ser predominante no país, os pecuaristas investem timidamente em tecnologia visando agregar mais qualidade e maciez à carne. Apostar na aplicação de genética e tecnologia para a produção de uma carne “gourmet” é muito importante, observou Molina.

Segundo Molina, ganha o pecuarista que é valorizado pela produção de carne saudável, dentro de normas de sustentabilidade ambiental, bem-estar animal e social. Ganha ainda o consumidor final, que pode comprar uma fonte de proteína animal rica, saborosa, macia e certificada, com total transparência do processo produtivo”, conclui.



RECORDE NA PRODUÇÃO DE GRÃOS

Em Mato Grosso, a produção de milho na atual safra será quase equiparada à produção da soja

Por: **Beatriz Girardi**

A produção brasileira de grãos 2018/2019 deve chegar a 240,7 milhões de toneladas, o melhor resultado da história, de acordo com o 10º levantamento divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O resultado esperado supera o recorde anterior de 237,6 milhões de toneladas da safra 2016/2017. Segundo a superintendente regional de Mato Grosso da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Francielle Tonietti Capilé

Guedes, o produtor vem aprimorando sistematicamente a comercialização de soja e

“

Hoje, Mato Grosso produz 67.215,8 mil toneladas de grãos

”

milho, tanto na questão do planejamento como na estratégia da sua produção. “Ele não é mais um produtor, ele é um empreendedor agropecuário”, enfatiza a engenheira agrônoma. Na sua avaliação, o produtor praticamente foi obrigado a aprender a comercializar a sua produção com o propósito de buscar melhores preços para ter uma rentabilidade maior.

De acordo com a Conab, tanto em âmbito local quanto no nacional, um dos destaques frente à safra passada é o milho.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O cereal, segunda safra, tem previsão de produção recorde de 72,4 milhões de toneladas, com crescimento de 34,2%. Já o milho primeira safra deve ficar em 26,2 milhões de toneladas, com redução de 2,5%.

Em relação ao ano anterior (2017/2018), a alta na produção total de grãos é de 5,7% ou seja, de 13 milhões de toneladas. A área plantada está prevista em 62,9 milhões de hectares, com aumento de 1,9% em relação à safra passada.

Os produtores também estão buscando alternativas de novos produtos para aumentar a rentabilidade na segunda safra e/ou rotação de culturas. “Além de Mato Grosso ser o maior produtor de soja e milho, observa-se o cultivo de culturas como

“

Além de Mato Grosso ser o maior produtor de soja e milho, observa-se o cultivo de culturas como gergelim e mamona

”



gergelim e mamona”, revela Francielle.

Revela ainda que, com a finalização do Censo de Armazenagem, concluído em dezembro de 2018, foi possível identificar que há um déficit da capacidade estática em relação a produção de grãos no estado de 42 por cento. Hoje Mato Grosso produz 67.215,8 mil toneladas de grãos e sua capacidade estática é de 37.663 mil toneladas.

Safra agrícola

Diante do bom desempenho das cotizações da pluma, os produtores nacionais investiram no cultivo de algodão nesta safra, ocorrendo incrementos recordes na área plantada. Além do aumento de área em regiões onde tradicionalmente se cultivava algodão, ocorreu forte incorporação de áreas ao processo produtivo. Quase todos os estados produtores de algodão no país apresentaram incremento em área plantada nesta safra, comparada à temporada anterior. Nesse crescimento, Mato Grosso se destaca. Para o algodão, a estimativa é de aumento de 32,9% na produção nacional.

Já o arroz tem produção estimada em 10,4 milhões de t, 13,6% menor que a obtida em 2017/18, devido às reduções ocorridas nos principais estados produtores - entre eles Mato Grosso. A cultura do arroz é essencial para a segurança alimentar e nutricional para mais da metade da população mundial. O arroz tem perdido área ao longo dos anos. Nas últimas dez safras, a área cultivada com arroz reduziu aproximadamente 40%.

A soja obteve um crescimento de 2% na área de plantio e redução de 3,6% na produção, atingindo 115 milhões de toneladas. As regiões Centro-Oeste e Sul representam mais de 78% dessa produção.

Por ser uma cultura de ciclo curto, o feijão possibilita o plantio em até três momentos durante a safra, gerando um aparente equilíbrio no abastecimento. Neste cenário, a produção total esperada é de 3.020,5 mil toneladas, representando diminuição de 3,1% em relação à temporada anterior. Os produtos com maiores aumentos de área plantada foram o milho segunda safra (819,2 mil ha), soja (717,4 mil ha) e algodão (425,5 mil ha). A soja apresentou crescimento de 2% na área de plantio, chegando a 35,9 milhões de hectare.



ANTÔNIO V. SANTOS

O ALIMENTO DO FUTURO

A comida milenar dos índios está no cardápio do futuro. O homem branco cultiva variedades de mandioca desenvolvida pela Empaer/MT

Por: **Beatriz Girardi**

São anos de pesquisa na área de melhoramento genético. O cruzamento de sementes que dão origem a uma nova planta. A pesquisadora da Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer), Dolorice Moreti, desenvolve pesquisa e validação de tecnologias com a cultura da mandioca desde 2012 nos campos experimentais dos municípios de Cáceres e Acorizal. Após um estudo prévio realizado praticamente em todo estado ela verificou que a maior necessidade e demanda por parte dos produtores rurais é a busca de variedades, que seja mais produtiva e resistentes as adversidades como as doenças, por exemplo, ou seja, variedades que trazem maior viabilidade econômica. De acordo com a engenheira agrônoma, no Campo Experimental de Acorizal, estão em avaliação em torno de 80 materiais genéticos destinados à mesa e indústria. “Estamos selecionando variedades resistentes a pragas, doenças e as mais indicadas para atender o

agricultor familiar visando maior retorno econômico. Fizemos coleta de materiais em diversas regiões do estado que juntamente com os materiais fornecidos pela Embrapa, UNB e IAC estão sendo analisados os comportamentos dos mesmos. A variabilidade da raiz de mandioca é muito grande, pois cada um traz de uma região”, informa a pesquisadora com doutorado em solos e nutrição de plantas.

Conforme Dolorice, a finalidade da pesquisa é verificar os materiais mais recomendados para o consumo humano e animal “in natura” e processada em forma de farinha, fécula e outras formas de consumo

e, com isso, incentivar o plantio da mandioca pela sua importância na alimentação. “Hoje nós temos materiais de mandioca para o consumo in natura (de polpa branca, amarela e vermelha/ rosada). Já as amarelas e rosadas foram introduzidas no estado recentemente”, conta.

Segundo Dolorice, a mandioca tem 100% de aproveitamento. “As raízes e parte aérea, na alimentação humana e animal, as ramas para plantio, a casca na alimentação animal e da manipueira pode ser retirado a fécula e utilizado como adubo orgânico, fabricação de vinagre, tijolos, defensivos agrícolas, entre outros”, informa a pesquisadora. Ela lembra que as raízes são ricas em carboidratos, diversos elementos minerais e fibras. Já as folhas são ricas em proteínas, podendo ser utilizadas como “pó de folhas” para enriquecimento na alimentação. Observa ainda que da fécula se faz diversas iguarias que são consumidas por quase toda a população - biscoitos, pão de queijo, bolachas, entre outros. “As varia-

“
**De 10 anos pra cá
reduziu em torno
de 50% de área de
produção**
”



ANTÔNIO V. SANTOS

des de polpas amarelas são ricas em vitamina A que previne a cegueira noturna. Já as rosadas são mais ricas em licopeno – uma substância que previne câncer da próstata. Além de outros elementos como enriquecimento de ferro pra melhorar a alimentação”, frisou. A cultura da mandioca cresce no mercado nacional e internacional devido a grande quantidade de formas de consumo e iguarias, além da substituição da farinha de trigo que está sendo hoje muito procurada pelas pessoas celíacas, ou seja, intolerantes ao glúten, atletas e outras ligadas à saúde e bem-estar.

A engenheira diz que para que a pesquisa participativa funcione é necessário seguir alguns critérios: material genético para levar para os produtores, interesse dos produtores em testar esses materiais e mecanismo de extensão rural ágil e eficiente.

O TUBÉRCULO

A mandioca é uma das culturas que mais é disseminada e multiplicada.

“É uma das primeiras coisas que as pessoas plantam para comer”, destacou a pesquisadora da Empaer.

O município que mais produz no estado é Colniza. Já as regiões de Acorizal, Rosário do Oeste e Cuiabá já foram cida-

des consideradas as maiores produtoras até dez anos atrás. Não são mais. “Infelizmente hoje em Mato Grosso temos apenas 19 mil hectares de área plantada, aproximadamente. Além do problema de mão de obra, de comercialização e processamento”, observa a engenheira agrônoma. Para a pesquisadora, o estado tem potencial para reverter esse quadro e ainda buscar outros mercados. “Mato Grosso possui ótimas características de solo, clima e localização geográfica para também se tornar um produtor competitivo”. O que necessita é a organização da cadeia produtiva e políticas de incentivos para que o estado se torne autossuficiente e competitivo para exportar os produtos e subprodutos da cultura da mandioca. Atualmente a produção interna não atende a demanda, vindo produtos e subprodutos de outros estados, como do Paraná, Pará, São Paulo e Mato grosso do Sul.

A lenda indígena conta a estória de “maní-oca”, a casa de maní. Uma indiazinha que nasceu branca e morreu com um ano de idade. Foi enterrada dentro da oca. E da sepultura brotou uma planta que está nas raízes da cultura brasileira. E é base da alimentação dos povos antigos, há pelo menos sete mil anos.



DIVULGAÇÃO

Portugal e Brasil: Uma balança boa, mas ainda desigual

MT se destaca no mercado luso, mas ainda falta muito para equilibrar esta balança

Por Adriana Nascimento - correspondente Portugal



FOTOS: INTERNET

Já vai longe o tempo em que o Brasil era colônia de Portugal e os produtos eram levados *in natura* para voltarem manufaturados (e mais caros) ao povo brasileiro. Atualmente a exportação e importação entre os dois países continua mas agora com leis de comércio e ganhos para ambos. Mas nem tudo são flores. O comércio internacional português divide-se em 80 a 20% sendo a primeira percentagem para o comércio com a União Europeia e o restante a ser dividido com o resto do mundo, onde entra o Brasil.

Neste contexto Mato Grosso ainda se destaca, mas ainda falta muito para equilibrar esta balança se olharmos para lista de exportação do estado e a dos principais produtos brasileiros importados por Portugal (vide quadro). De acordo com le-

vantamento do Ministério da Agricultura Português os principais produtos importados do Brasil são os do reino vegetal, que representam 21,34% das importações deste

“Portugal é o 15º país na lista de destinatários das exportações do Mato Grosso, recebendo apenas 1,60% do total de produtos exportados pelo estado.”

produto. Nesse ranking da tabela seguem a madeira e carvão vegetal; produtos minerais; calçados, chapéus, chicote e penas; e peles e couro.

Apesar de estes serem os produtos mais exportados do Brasil para Portugal, ainda assim são uma percentagem pequena do total importado desses produtos. Do total de peles e couro importados, por exemplo, o Brasil só contribui com 1,88% desses produtos. Mato Grosso exporta, essencialmente, produtos alimentares, ouro, madeira e couro. No entanto, segundo o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior, Portugal é o 15º país na lista de destinatários das exportações do Mato Grosso, recebendo apenas 1,60% do total de produtos exportados pelo estado.

Vale destacar que Portugal e Brasil têm

diversos acordos comerciais que privilegiam a relação. Algumas delas podem ser obtidas no estudo elaborado pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil, que traz informações úteis sobre como exportar para solo português. Disponível através do site www.federacao-camaras-portugal-brasil.com/, este estudo reúne informações acerca do acesso ao mercado e estruturas de comercialização como canais de distribuição. Neste grupo Mato Grosso está inserido no contexto da Câmara de Comércio Brasil-Portugal Centro-Oeste e pode se utilizar dele para expandir mercado.



O que vem e o que vai?

De Portugal, o Brasil importa, na área agrícola, principalmente: azeite puro (20%), maçãs (4,7%), peixe congelado (4,5%) e vinhos (3,4%). Apesar de o comércio estar a se expandir a balança pende para o lado de Portugal. Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) indicam que o Brasil exportou menos neste primeiro semestre para Portugal do que importou produtos lusitanos. Foram quase 161 milhões de dólares traduzidas em pouco mais de 345 milhões de toneladas de alimentos para Portugal. Enquanto no mesmo período o Brasil importou quase 230 milhões de dólares para aquisição de pouco mais de 66 toneladas de produtos portugueses do setor agrícola. O que demonstra que ainda falta muito para os produtos brasileiros ganharem espaço lá fora, basta investir em capacitação e tecnologia para oferecer o que o mercado precisa. **Confira.**

EXPORTAÇÃO

PRODUTO	Valor (dólar)	Peso (Kg)
BEBIDAS	1.390.383	436.402
CACAU E SEUS PRODUTOS	124.369	18.440
CAFÉ	6.977.075	3.220.353
CARNES	4.819.286	2.132.052
Cereais, Farinhas e Preparações	1.852.448	1.268.690
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	69.415	27.524
COMPLEXO SOJA	49.746.303	141.041.110
Complexo SUCROALCOOLEIRO	15.675.606	51.814.474
Couros, Produtos de Couro e Pele	6.184.824	1.503.001
Demais produtos de Origem animal	6.487	10.562
Demais produtos de Origem Vegetal	19.543.203	19.749.231
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	8.349.230	5.992.281
Frutas (inclui Nozes e castanhas)	17.463.309	14.909.554
FUMO E SEUS PRODUTOS	1.342.526	322.455
LÁCTEOS	26.181	9.404
PESCADOS	247.905	23.746
Plantas vivas e produtos de floricultura	15.868	1.478
Produtos Alimentícios Diversos	2.864.519	966.989
PRODUTOS APÍCOLAS	1.645	53
PRODUTOS FLORESTAIS	22.622.052	100.565.625
Hortícolas, Leguminosas, Raízes e Tubérculos	1.233.254	1.763.267
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUI SOJA)	7.705	4.072
RAÇÕES PARA ANIMAIS	1.780	204
SUCOS	191.534	130.285

IMPORTAÇÃO

PRODUTO	Valor (dólar)	Peso (Kg)
ANIMAIS VIVOS (EXCETO PESCADOS)	10.685	31
BEBIDAS	18.671.406	6.445.863
CACAU E SEUS PRODUTOS	622.972	63.530
CAFÉ	492.330	69.292
CARNES	10.433.129	1.036.110
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	2.280.414	878.842
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	1.906	60
COMPLEXO SOJA	2.245	1.924
COUROS, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	124.513	2.588
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	92.921	101.017
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	128.073	9.179
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	2.913.105	155.810
FRUTAS (INCLUI NOZES E CASTANHAS)	19.583.770	21.353.705
FUMO E SEUS PRODUTOS	664	7
LÁCTEOS	145.995	15.197
PESCADOS	44.774.734	6.585.433
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	490.366	102.503
PRODUTOS FLORESTAIS	5.073.558	2.565.860
Hortícolas, Leguminosas, Raízes e Tubérculos	1.791.066	1.609.089
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUI SOJA)	121.478.970	25.594.019
RAÇÕES PARA ANIMAIS	156.066	5.089



A equação sustentabilidade e agronegócio

A contribuição das engenharias para o desenvolvimento do estado

Por: Beatriz Girardi

O presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Mato Grosso (Crea/MT), engenheiro agrônomo João Pedro Valente, comenta, nessa entrevista, sobre as inúmeras atribuições e possibilidades do órgão. As técnicas de gerência de recursos hídricos, as tecnologias aplicadas no dia a dia, bem como a contribuição da engenharia para o desenvolvimento social do Estado. Confira!

Aponte, na sua opinião, os entraves que impedem que Mato Grosso cresça?

- O que faz uma economia regional crescer? Vantagens comparativas em relação aos concorrentes. Isto é o que viabiliza o investimento privado na produção de qualquer coisa, agrícola, mineral, florestal, pesqueira, entre outros. Não há planejamento. Não se sabe o que o Estado pretende da agricultura, floresta, mineração, indústria, comércio para os próximos anos e décadas. Qual a principal desvantagem do Mato Grosso? A distância dos centros consumidores. Então o caso é de atacar três fatores: o primeiro é investir em infraestrutura nos modais ferroviário e hidroviário. O segundo é investir em verticalização, ou seja, industrialização da produção primária.

O terceiro fator, não menos importante é o da tecnologia, ou seja, temos que investir constantemente em tecnologia para produzir mais na mesma área reduzindo impactos ambientais e aumentando a lucratividade e o retorno em benefícios sociais.

Claro que para atingir tais metas teremos que planejar estrutura tributária, não apenas na carga tributária mas na forma de tributar. O caminho a seguir é difícil, mas conhecido.

Qual a contribuição da engenharia para o desenvolvimento social do Estado?

- Sem viabilidade técnica, nada funciona direito. Sem a engenharia de boa qualidade, a bancarrota é uma certeza. Sem boas estradas não temos acesso sequer aos itens mínimos para sobrevivência. Com estradas ruins, os temos, mas tão mais caros quanto piores as condições. Sem engenheiros sanitaristas não se terá água tratada ou lixo coletado e disposto de forma saudável para a população.

“
Hoje temos produção agrícola suficiente para o mundo todo
”

Sem engenheiros agrônomos a produção agrícola se torna inviável ou destrutiva. Sem os engenheiros agrícolas, mecânicos ou industriais não teremos armazenagem ou indústrias competitivas. Sem os meteorologistas o clima vira um mistério a ser trabalhado nas igrejas e não uma ciência a indicar períodos mais favoráveis para as atividades a céu aberto (não apenas na agricultura, mas na extração de madeiras e minérios). Sem engenheiros florestais, a madeira nativa será explorada até a extinção. Sem os geólogos nem agricultura teríamos por falta de calcário. Sem engenheiros de segurança do trabalho, teríamos de volta o sinônimo entre trabalho e altos índices de acidentes e enfermidades

derivadas do trabalho que já tivemos em épocas passadas. Sem os eletricitistas não teríamos nem habitabilidade nem indústrias. Sem a participação dos geógrafos, o desenvolvimento urbano, econômico ou social fica baseado em chutes e não na ciência das dinâmicas das populações. Enfim, sem engenharia não há que se falar em desenvolvimento social sustentável.

De que forma a entidade auxilia o cenário, segmento do agronegócio?

- Ao exigir que as atividades do agronegócio ocorram com a participação de profissionais habilitados viabiliza-se que a tecnologia e a melhor técnica esteja sendo utilizada, amenizando assim os impactos ambientais e trabalhistas e ampliando os resultados sociais e econômicos. Atividade do agronegócio sem a melhor técnica é sinônimo de contaminação, destruição de solos, e nascentes, risco a trabalhadores da atividade, perda de qualidade da produção e desperdício de dinheiro público. Neste contexto que o CREA-MT se situa, garantindo a autoria dos trabalhos técnicos e o direito dos produtores rurais ao correto uso dos meios naturais.

Produção em grande escala depende de tecnologia?

- Produção em qualquer escala depende de tecnologia. A diferença é o tamanho do sucesso ou do fracasso da atividade e suas consequências. Sem tecnologia qualquer produção é inviável, pois não se consegue produzir a médio ou longo prazo por danos ambientais e queda na produtividade. A lista de problemas que a produção que não respeita a tecnologia produz é gigantesca.



Crea/MT



Qual a importância da agricultura do Mato Grosso para o Brasil, quão mundo?

- Hoje a esmagadora parte da produção agrícola de Mato Grosso se destina a outros Estados do Brasil e a outros países do mundo, com destaque para a China compradora da maior parte de nossa produção agrícola quando se fala de grãos. Tudo que se come é resultado de agricultura ou agroindústria. Mato Grosso praticamente é responsável pelo superávit do Brasil na balança comercial, ou seja, a diferença entre tudo que o Brasil compra e vende de outros países. Para o mundo a produção de Mato Grosso é essencial ao combate à fome, pois hoje a desnutrição está mais ligada à falta de condições de compra de alimentos do que à disponibilidade destes e se Mato Grosso não abastecesse a China, este gigante econômico compraria em outros lugares a preços exorbitantes, dificultando mais ainda o acesso dos mais pobres ao alimento.

Na sua concepção, haverá alimento suficiente para as próximas gerações frente ao uso irracional de água, ao crescente aumento de áreas degradadas, ao alto custo da energia, ao alto desperdício de alimentos, às constantes mudanças climáticas?

- Segundo estudo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), divulgado em 2016, o acesso à alimentação é, primariamente, função da renda disponível para aquisição de alimentos e, subsidiariamente, da oferta de produtos agrícolas, ou seja, hoje temos

produção agrícola suficiente para o mundo todo, mas muitos passam fome por falta de condições econômicas. A produção mundial de alimentos é suficiente para suprir a demanda das 7,3 bilhões de pessoas que habitam a Terra. Apesar disso, aproximadamente uma em cada nove dessas pessoas ainda vive a realidade da fome. Concentração da renda e da produção, falta de vontade política e até mesmo desinformação e consolidação de uma cultura alimentar pouco nutritiva são fatores que compõem o cenário da fome e desnutrição no planeta. Para cada um dos problemas apontados há uma ou mais engenharias com as soluções dadas pelos meteorologistas, engenheiros sanitários, químicos e ambientais, engenheiros agrônomos. Para exemplificar, hoje em média se produz 5 toneladas de soja por hectare. A batata inglesa produz em média 40 toneladas por hectare - há lavouras que chegam a 70 toneladas. Deveríamos ter como meta mundial acabar com a miséria e isto é que acabaria com a fome. Há tecnologia agrônoma hoje e projeção de melhoras no futuro para alimentar toda a humanidade.

A produção de alimentos está ligada diretamente com o uso de insumos agrícolas. Quando falamos de segurança alimentar há uma forte comoção popular a respeito do uso de agrotóxicos, principalmente os de origem química. Sendo assim, os profissionais da Engenharia Agrônoma possuem grande responsabilidade ao prescrever o uso de agro-

tóxicos, porém, cabe ao produtor maior consciência de sua utilização?

- A agricultura sempre impacta o ambiente. Este é um tema recorrente ao longo da história da humanidade. O simples fato de cultivar uma área homogênea, dominada por uma determinada espécie, altera o equilíbrio da cadeia alimentar exigindo sofisticação crescente na produção de alimentos. O que vem em seguida? Agrotóxicos para controlar tais pragas e doenças. Cada cultivo tem seus impactos específicos que são potencializados com o uso contínuo de uma determinada área com a mesma cultura. A solução é fazer rotação e sucessão de cultivos. O engenheiro agrônomo estará sempre a negociar com o produtor rural a melhor técnica a ser aplicada.

Sustentabilidade e agronegócio. Essa equação é viável?

- Esta equação é simplesmente o único caminho a seguir. Qualquer outro leva ao desastre. Produção predatória é inaceitável sob todos os aspectos. Produção sem sustentabilidade é autodestrutiva. Nem o Brasil e nem o Mato Grosso estão planejando seu futuro na área agrícola - dentre outras áreas. Se a equação sustentabilidade e agronegócio é viável? Totalmente viável social, econômica, social e ambientalmente. Depende do povo cobrar dos governos as políticas corretas. Depende dos governos escolherem usar a engenharia agrônoma e outras engenharias e suas melhores técnicas como norteadoras de suas políticas de desenvolvimento.



ARQUIVO PESSOAL

DIANY DIAS E A LUTA, QUE CONTINUA!

Por: Adriana Nascimento

Ela não é super-heroína dos gibis e filmes mas está sempre do lado dos mais fracos e oprimidos. Essa - que pode ser considerada uma “mulher-maravilha” por quem a conhece -, longe de fugir aos problemas, pelo contrário, ainda que não sejam os dela, os enfrenta de coração aberto e linguagem franca. Isso porque é um ser humano que nasceu com algo imprescindível para que possamos conviver em harmonia neste mundo: caráter! Sendo assim, desde menina, Dianyeire Dias, ou Diany, como é conhecida, viu no exemplo da mãe, dona Joana, que sempre lutou pelo bem comum, uma forma de ser útil e tomou a luta pelo bem da sociedade como estilo de vida - muitas vezes deixando até sua vida pessoal de lado.

Afinal, é muita experiência nas lutas para deixar tanta força parada, agora que aposentou-se do Indea. Para quem ainda não a conhece, saiba: após uma longa trajetória de luta pelos servidores do Indea e Intermat e trabalhadores em geral pela Central dos Sindicatos do Brasil (CSB), onde foi presidente estadual em Mato Grosso, Diany, do alto das experiências de ter sido três vezes presidente do Sindicato

dos Trabalhadores do Sistema Agrícola, Agrário, Pecuário e Florestal do Estado de Mato Grosso – Sintap, bem como outras vezes como integrante da diretoria e também ter se arriscado a adentrar na vida política na linha de frente sendo candidata a deputada estadual no pleito de 2018, onde considera que foi um teste para verificar todo o trâmite deste processo construtivo, mas que não será abandonado tão cedo.

Diany conta que, em um mundo tão seixista, não foi fácil (mas não impossível), conseguir êxito como líder sindical. Aptidão esta que foi formada, praticamente, no ventre de sua mãe, uma lutadora pelas causas sociais e que, com exemplo aos filhos, mostrou que é preciso ação para obter uma reação melhor das políticas públicas para quem mantém a sustentabilidade do país: a população e seu nobre trabalho.

“Tive uma infância feliz junto com minha família, humilde, não sou de família rica e sim de família assentada que teve o benefício do Incra e, conheci o sindicalismo através da minha mãe, que foi líder em vários assentamentos onde buscava a sustentabilidade de várias famílias e ela mostrou para os filhos a importância de sermos unidos porque, só assim, somos mais fortes. Seu exemplo nos mostrou que, através da humildade, da perseverança e do amor, podemos construir lindos e maravilhosos castelos onde podemos colocar os sonhos das pessoas”, lembra com orgulho. Já o pai ela

recorda que era mais calmo, trabalhava e buscava trazer a família unida enquanto a mãe buscava a sustentabilidade dela através da busca por um mundo melhor para todos viverem.

Como todo assentado, já passou várias dificuldades. Já dormiu em colchão de capim quando pequena, mas, a liderança da mãe trouxe a capacidade para dar de tudo e fazê-la ser o que é hoje. Já sua trajetória na área sindical ela aponta que começou com a mãe, como já disse, e, através dela, que também foi assistente social em Nova Xavantina, participar das associações de moradores de bairros. Com isso, tornou-se líder dentro da sala de aula. “Primeiro fui líder da classe, depois presidente do Grêmio Estudantil e passei a estar presente em diversos eventos como o primeiro festival da Coca-Cola em Nova Xavantina, depois o da Kibon.

Então, eu, com minha liderança, comecei movimentar a juventude do município. Com isso, comecei a trabalhar muito cedo. Com 14 anos trabalhava na prefeitura, no Indea e isso mostrou como era importante fazer grupos de pessoas que buscam os mesmos objetivos, que são trazer a sustentabilidade para nossas famílias”, ressalta. “E o mais importante, buscar fazer com que as leis sejam cumpridas porque muitas das leis que podem nos beneficiar nós, a sociedade, nem conhecemos! Nesse sentido foi que busquei o sindicalismo”, completa. Depois disso foi fazer parte da Associação dos Servi-

dores Públicos do Indea, a primeira entidade que existiu e esteve em vários cargos nessa entidade como a de vice-presidente. Candidatou-se a primeira vez para ser presidente desta associação e perdeu por três votos, mas não desistiu! Em 11 de novembro de 1989 ela e um grupo fundaram o Sintap. Lá se vão 30 anos. Participou ainda da ala jovem da CGTB e de vários movimentos sociais. Tudo isso culminou em sua candidatura a presidente do Sintap em 2006, onde assumiu o cargo em 15 de janeiro de 2007. E lá se foram dez anos à frente da instituição!

Como sua maior conquista, além dos filhos, considera que foi, sem dúvida, conseguir a carreira de Fiscal de Defesa Agropecuária que era um sonho da categoria. Sempre com democracia ouvindo as demandas dos sindicalizados e detectando o que era preciso para melhorar o trabalho, não só para eles, como para o atendimento da sociedade. A segunda conquista que considera importante foi a implantação do subsídio, em 1999, que só ocorreu em 2003.

Infelizmente a luta sindical não se abrandou de lá para cá. Ela indica que é preciso cada vez mais união e discernimento da classe trabalhadora, de que a força está com eles, pois são eles que fazem a riqueza deste país girar, seja na produção ou no consumo. E a existência dos sindicatos é importante porque o servidor não tem a prerrogativa de fazer política partidária e nem sindical.



FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS

O Ministério da Educação (MEC) anuncia que irá implantar 108 escolas cívico-militares em todos os Estados até 2023. O modelo prevê a atuação de equipe de militares da reserva no papel de tutores. A ideia é que, a cada ano, haja 27 novas unidades do modelo, uma por unidade da federação. Pressuposto é que sejam em locais carentes para não aumentar a desigualdade. A pasta não informou o orçamento da iniciativa. Em apoio ao ensino médio integral, o órgão vai transferir aos Estados R\$ 230 milhões ainda neste ano. O chamado Compromisso Nacional pela Educação Básica prevê avanços na educação básica nacional. No documento, consta o apoio às escolas de tempo integral e ao reforço de conectividade de internet de escolas, além do investimentos em creches. O governo promete reestruturar o Proinfância, que prevê recursos federais para construção de creches municipais, de forma a acelerar a conclusão de 4 mil creches até 2022.

DUAS EM MATO GROSSO

O deputado federal José Medeiros (Podemos-MT) articula junto ao MEC que dentre a implantação de escolas cívico-militares definidas para construção no país, duas atendam, já de imediato, as cidades de Cuiabá e Rondonópolis. “As cidades que indicamos, no caso de Mato Grosso, têm demanda e estão preparadas tecnicamente para receber estas novas escolas”.

ENEM DIGITAL

Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), Anísio Teixeira, anuncia que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) será 100% digital até 2026. Gradualmente, teste em papel deve ser extinto. A partir de 2020, uma parcela dos alunos que prestarem o exame fará provas digitais. De acordo com o MEC, hoje, a realização das avaliações tem custo aproximado de R\$ 500 milhões, que incluem gastos com logística e impressão dos cadernos. Segundo o Ministério de Educação, mesmo com tanto investimento, a taxa de abstenção é alta, girando em torno de 25%. Ainda, o deslocamento é o fator preponderante nessas faltas. Ao tornar o processo digital, esse problema seria reduzido, estima o presidente do Inep, instituto que realiza o Enem. Cuiabá (MT) está entre as capitais que receberão a prova em formato digital em 2020.

INTERNET



DETOX DIGITAL

Ministério da Mulher lançará campanha para incentivar famílias a ficarem um dia desconectadas das redes digitais. Ministra da pasta da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves está preocupada com o uso excessivo de celulares por crianças, adolescentes e adultos e com a maneira como isso vem interferindo nas relações familiares. O programa Reconecte tem por finalidade alertar a população para os riscos da utilização demasiada da tecnologia. “Vamos desafiar o Brasil inteiro a ficar um dia “desconectado” e oferecer opções do que fazer. Desafiar a ficar sem celular durante o jantar, por exemplo. Quero ver os jornalistas um dia inteiro desconectados”, desafiou a ministra. Ainda serão abordados no projeto a relação de doenças como a dependência digital e temas mais delicados, como a pornografia infantil.



Pantanal Peixe



**ATENDIMENTO:
TERÇA A SÁBADO
8H ÀS 18H
DOMINGO 8H ÀS 12H**



**PEIXE ASSADO AOS DOMINGOS E FERIADOS
(65) 9.8463-3444 - 9.9934-9616**

**Av Filinto Muller, Q 107 - Lote 05
Cohab Canelas - Várzea Grande/MT**

ANUNCIE CONOSCO!

Entretenimento, informação, moda, agronegócio, cultura...



Acesse a versão eletrônica:

www.gazetamt.net

(65) 3641-4414

agrovip.matogrosso@gmail.com

Av. Miguel Sutil, 321, Sl 2, Dom Aquino 78.015-100/ Cuiabá/MT